

## GESTO E ABSTRAÇÃO: USOS DO VERBO *GOUNOÛMAI* EM HOMERO<sup>1</sup>

Flávio Ribeiro de Oliveira<sup>2</sup>

- RESUMO: Neste artigo, investigo o significado do ato de suplicação – uma importante instituição social e religiosa na civilização grega – e busco identificar o momento preciso em que, no vocabulário homérico, o verbo *gounoûmai* (literalmente: “tocar os joelhos de alguém”) adquire um valor abstrato (“suplicar, rogar”, sem idéia de contato físico com os joelhos).
- PALAVRAS-CHAVE: suplicação, filologia grega, poesia grega, Homero.

### I

A suplicação era uma importante instituição social e religiosa no mundo grego. Nela, uma pessoa ameaçada por dificuldades sérias se dirigia como suplicante a alguém que se encontrasse em situação superior e tivesse condições de lhe dar proteção ou auxílio. Neste artigo, a partir de uma investigação filológica do vocabulário relacionado com a súplica em Homero, pretendo examinar o significado do ato concreto de suplicação – que, em princípio, implicava uma gesticulação bem definida – e analisar a passagem da *Odisséia* que representa o momento em que a súplica deixa de ser compreendida como gesto concreto do corpo do suplicante e, abstraindo-se, passa a ser concebida como ação verbal.

---

1 Este artigo é uma versão modificada de trabalho apresentado oralmente em novembro de 2004 no *XVIII Simposio Nacional de Estudios Clásicos* em Mar del Plata, Argentina. Agradeço ao professor Paulo Butti de Lima, da Università degli Studi di Bari, pela leitura rigorosa deste artigo e por suas valiosas críticas e sugestões.

2 Professor Assistente-Doutor do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

## II

A situação do suplicante no universo heróico descrito na poesia de Homero é uma situação sobretudo concreta. Há, na idéia de suplicação, um elemento concreto fundamental: a postura do corpo, o gesto concreto daquele que suplica. O termo grego que normalmente se usa para designar o suplicante (*hikétes*) significa concretamente “aquele que chega”. Trata-se de nome de agente com sufixo *-tes*, formado a partir do mesmo radical de verbos como *hiko*, *hiknéomai* e *hikáno* (todos com o significado de “chegar”). De *hikétes* vem o verbo denominativo *hiketeúo* (“suplicar”). Chantraine (1990, pp.461-2) explica que a idéia original do suplicante seria a do estrangeiro que *chega* a uma cidade e pede proteção. Essa explicação, contudo, restringe o alcance da idéia da suplicação: na *Iliada* e na *Odisséia* é bem mais amplo o âmbito em que pode ocorrer uma súplica e em que aparecem o termo *hikétes* e aqueles verbos de cujo radical deriva. As possibilidades de súplica não se reduzem à situação do estrangeiro que chega em determinado país (por exemplo, em situações de batalha, a súplica é pronunciada com freqüência por um soldado que se encontra à mercê do inimigo, independentemente de tal soldado ser ou não estrangeiro). Benveniste (1969, pp.252-4) sustenta que a idéia mesma de suplicação não se encontra apenas no radical isolado *hik* – (“chegar”), de *hiko*, *hiknéomai* e *hikáno*, mas em sua conjugação com o objeto direto *goûna* ou *goûnata* (acusativos plurais épicos de *gónu*, “joelho”): a idéia estaria no gesto de *chegar até os joelhos* de alguém; o suplicante seria aquele que toca os joelhos da pessoa de quem espera clemência. Há, na poesia épica grega, variantes desse gesto: agarrar os joelhos e beijar as mãos do outro, segurar seu queixo e beijar seus joelhos, segurar-lhe os joelhos e o queixo etc. O suplicante, na cultura grega, adota uma postura corporal que indica inferioridade com relação ao objeto de sua súplica (cf. Gould, 1973, p.94) e o elemento fundamental dessa postura é alguma forma de contato físico entre o suplicante e o joelho daquele que recebe a súplica.

É importante observarmos que a súplica não é uma atitude abstrata ou intelectual: a suplicação é essencialmente um *gesto do corpo*: no universo épico, é o corpo que suplica. Dois dos verbos gregos que se traduzem por “suplicar”, *gounoûmai* e *gounázomai*, significam literalmente “tocar os joelhos [de alguém]”.<sup>3</sup>

Leaf (1900) vê na ação de agarrar os joelhos e tocar o queixo daquele a quem se dirige a súplica um gesto que simboliza o último recurso do guerreiro

---

<sup>3</sup> *Gounoûmai* e seu cognato *gounázomai* aparecem 15 vezes em Homero, sempre em descrições de atos de súplica.

ro caído e desarmado diante do adversário que está para matá-lo: sua derradeira esperança seria agarrar-lhe os joelhos para atrapalhá-lo e empurrar seu queixo para trás para que ele não possa olhar para baixo e desferir um último golpe certo – isso daria tempo ao guerreiro caído de pronunciar seu pedido de clemência. Onians (1988, p.174), com razão, objeta que não há, em nenhuma passagem da literatura grega, sugestões de que o gesto de segurar o queixo de um adversário se destinasse a desviar seu olhar, ou de que o gesto de que agarrar seus joelhos se destinasse a estorvar-lhe os movimentos. Para Onians, os joelhos tinham valor religioso, tinham santidade: o fundamental, no gesto de súplica, seria o contato com essa parte santa do corpo humano (e não a intenção prática de segurar os joelhos do adversário para atrapalhá-lo).

Mas por que, afinal de contas, seria o joelho considerado uma parte sagrada do corpo? Alguns filólogos notaram que o termo *gónu* parece ser cognato de *génos* (“raça”, “família”, “geração”, “nascimento”) e de *gígnomai* (“nascer”), do mesmo modo que, em latim, *genu* (“joelho”) poderia ser cognato de *genus / generis* (“origem”, “nascimento”) e de *gigno* (“gerar”). Tentaram-se explicações para tal aproximação entre a idéia de “joelho” e aquela de “nascimento”, “geração”, “família”: Cahen (1926, p.56 ss) sugere que a aproximação se justificaria pela metáfora da família como um corpo humano (o joelho equivaleria, então, a uma ramificação da família). Segundo Back (1922, p.162 ss), a ligação entre o vocabulário relacionado com a geração e o termo que designa o joelho se deveria ao fato de que muitas mães davam à luz ajoelhadas. Meillet (1926, p.45) explica o latim *genuinus* (“genuíno”) como o filho que foi reconhecido pelo pai como autêntico; ora, segundo Meillet, para que tal reconhecimento ocorresse o filho era colocado sobre os joelhos (*genua*) do pai – daí a associação entre os termos que designam os joelhos e a idéia de geração. Segundo Onians (1988, p.175), os povos indo-europeus conceberiam o joelho como sede da paternidade, da vida e do poder gerador. A atribuição de energia viril aos joelhos pode ser encontrada claramente no fragmento 347 (Voigt) de Alceu: segundo o poeta, a canícula torna as mulheres luxuriosas, lascivas, mas torna os homens moles e impotentes, pois o sol “resseca-lhes a cabeça e os joelhos” (*kephálan kai góna... ásdei*).

Gould (1973, pp.96-7), concordando com a tese de que os joelhos seriam sede da energia vital e da potência reprodutiva do homem, avança duas hipóteses (segundo ele, não excludentes) para explicar por que o suplicante buscaria contato físico com tais partes sagradas do corpo do suplicado: uma é a hipótese de que os gregos acreditariam que, com tal contato, a energia vital de quem recebe a súplica fluiria para o suplicante; outra é a de que os joelhos, sendo sede da energia vital, seriam tabu: seriam vistos como uma parte do corpo muito vulnerável, que necessita de proteção. O gesto do suplicante, ainda que inofensivo, seria um contato simbolicamente agressivo com partes do corpo que o suplicado precisaria resguardar.

### III

Qualquer que seja a explicação filológica ou antropológica que adote-se para dar conta da origem da sacralidade dos joelhos e de sua relação com virilidade e potência geradora, é inegável que os gregos e outros povos indo-europeus concebiam os joelhos como uma das partes nobres, sagradas, do corpo humano – assim como é evidente que o gesto de tocar os joelhos era essencial na atitude de súplica. A súplica era, originalmente, uma manifestação do corpo e o vocabulário da súplica (*hikétes, gounôumai* etc.) descreve as formas concretas dessa manifestação. Tal interpretação está de acordo com a reconhecida *concretude* da linguagem homérica: na linguagem da *Iliada* e da *Odisséia*, não haveria abstração.

Na perspectiva dessa discussão teórica, eu gostaria de analisar brevemente uma passagem do canto VI da *Odisséia* (versos 119 ss.).

O final do canto V relata o naufrágio de Odisseu. O herói consegue nadar até a terra firme; exausto, procura um abrigo e adormece entre alguns arbustos junto à desembocadura de um rio. O canto VI narra o encontro de Odisseu com Nausícaa, filha de Alcínoo, rei do país a que Odisseu havia acabado de chegar – a terra dos feácios. Odisseu chegara à praia alquebrado, nu e imundo de salsugem. Sua aparência era repugnante (e ele o sabia). Enquanto o herói dormia, a deusa Atena, protetora de Odisseu, inspira em Nausícaa o desejo de se dirigir à foz do rio para lavar roupas. A jovem, acompanhada de suas servas, vai até o local em que o náufrago dormia. As moças começam a brincar com uma bola; seus gritos alegres despertam Odisseu. Ele não sabe a que país chegara; não sabe se seus habitantes são amistosos ou hostis. Está sozinho, sem roupas, sujo: precisará da ajuda daquelas desconhecidas; é imprescindível que *suplique* a elas para que lhe dêem alguma vestimenta e o introduzam na cidade: sua única esperança é colocar-se na posição de suplicante e obter a benevolência das moças. Ocultando suas partes pudendas com ramos, o herói cuidadosamente se aproxima das jovens. Assim que as servas o vêem, assustam-se com sua aparência horrenda. Todas fogem, aterrorizadas: apenas a princesa Nausícaa permanece onde estava, pois Atena lhe havia infundido coragem no ânimo. Odisseu deteve-se a certa distância da princesa. Nesse momento, põe-se a refletir: sabia que devia suplicar pelo favor da jovem, mas, por outro lado, tinha consciência de sua aparência asquerosa. Portanto, hesitava entre duas linhas de ação: implorar à moça agarrando-lhe os joelhos (*gouñon... labòn*, verso 142) ou implorar de longe, apenas com palavras, sem tocá-la? Odisseu começa a calcular – como era próprio de sua natureza – e conclui que o mais útil seria dirigir a palavra à princesa de longe, sem tocá-la: receava que ela ficasse irritada caso ele lhe agarrasse os joelhos (*hoi gouñna labónti*, verso 147). Então, em pé, a certa distância, Odisseu dirige a pa-

lavra a Nausícaa, iniciando sua súplica deste modo (verso 149): *Gounoûmai se, ánassa: theós nú tis é brotós essi?*

Normalmente, esse verso introdutório é traduzido mais ou menos assim:<sup>4</sup> “Eu te suplico, soberana: és um deus ou um mortal?” Todavia, o verbo empregado por Odisseu (e que os tradutores modernos vertem como “suplico”) é *gounoûmai*, verbo que, até então, carregava o sentido concreto de “tocar os joelhos”. Ora, é justamente isto – tocar os joelhos de Nausícaa – que Odisseu havia decidido não fazer. Nessa passagem, o verbo *gounoûmai* perde seu referencial concreto, abstrai-se: designa uma idéia de súplica que não inclui mais o gesto concreto de tocar os joelhos daquele a quem se suplica. Rompeu-se, aqui, a concretude do vocabulário homérico: a palavra, nessa passagem, não é mais uma representação da ação concreta.<sup>5</sup>

O surgimento da abstração na língua grega foi um processo longo, ocorrido em um período histórico que nos deixou poucos documentos escritos. Todavia, esse início do discurso que Odisseu dirige a Nausícaa é um dos lugares privilegiados em que o filólogo pode ver representada a gênese da abstração na língua grega da poesia. Na verdade, nessa perspectiva, o pequeno dilema de Odisseu se agiganta: é como se a decisão a tomar não fosse apenas uma questão de tocar ou não os joelhos da princesa. Odisseu, com sua deliberação e seu discurso, promove uma verdadeira revolução na linguagem. No quadro das discussões teóricas a respeito da origem e da constituição do pensamento racional na Grécia antiga (realizadas com profundidade e fineza por filólogos como Bruno Snell e Richard B. Onians), eu afirmaria, se me concedessem a licença para me exprimir com certa liberdade, que nessa passagem da *Odisséia* há uma representação poética da invenção do pensamento ocidental.

OLIVEIRA, F. R. de. Gesture and abstraction: employments of verb *gounoûmai* in Homer. *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v.29(1), 2006, p.63-68.

- **ABSTRACT:** In this paper, I investigate the significance of the act of supplication – an important social and religious institution in Greek civilization – and I try to identify the very moment when, in the Homeric vocabulary, the verb *gounoûmai* (literally: “to touch someone’s knees”) acquires an abstract value (“to supplicate, to beseech”, without physical contact with the knees).
- **KEYWORDS:** Supplication, Greek Philology, Greek Poetry, Homer.

---

4 Cf., por exemplo, a tradução italiana de A. Privitera: “Ti supplico, o sovrana: un dio sei forse o un mortale?” (Omero, 1991); e a francesa de M. Dufour e J. Raison: “Je te supplie, ô reine. Es-tu déesse, ou mortelle?” (Homère, s.d.).

5 John Gould qualifica essa espécie de súplica apenas verbal como “figurativa”, em oposição à súplica “completa”, que inclui os gestos rituais (Gould, 1973, p.77).

## Referências bibliográficas

- BACK, R. "Medizinisch-Sprachliches". *Indogermanische Forschungen*, XL, 1922.
- BENVENISTE, É. *Le Vocabulaire des institutions indo-européennes*, t. 2. Paris, Minuit, 1969.
- CAHEN, M. "Genou, Adoption et Parenté en Germanique". *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, XXVII, 1926. Paris, 1926.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris, Klincksieck, 1990.
- GOULD, John. "Hiketeia". *The Journal of Hellenic Studies*, 93, 1973. Paris, 1973.
- HOMÈRE. *L'Odissée*. Trad. M. Dufour e J. Raison. Paris, Garnier, s.d.
- LEAF, W. *The Iliad, I – II*. London, 1900-2.
- MEILLET. *Comptes rendues de l'Académie des inscriptions et belles lettres*. Paris, 1926.
- OMERO. *Odissea*. Trad. A. Privitera. Milano, Mondadori, 1991.
- ONIAN, R.B. *The origins of european thought*. Cambridge, University Press, 1988.

Artigo recebido em 01/06; aprovado para publicação em 05/06.